

Semana para
Decifrar o Mercado

**O Jogo de
Cartas Marcadas
do Mercado Financeiro**

CONVEX
Research

Nos últimos anos, o cenário econômico global tem apresentado grandes desafios, mas também oportunidades, e a importância da diversificação global dos investimentos nunca foi tão evidente para os investidores brasileiros.

A depreciação do real é uma realidade que tem impactado diretamente o poder de compra dos brasileiros, tornando a diversificação internacional ainda mais necessária. Com a moeda nacional enfrentando instabilidades, investir em ativos globais se torna uma estratégia crucial não apenas para proteger o patrimônio acumulado, mas também para buscar novas oportunidades que podem não estar disponíveis no mercado local.

A dependência de um único mercado pode resultar em perdas consideráveis, especialmente em tempos de crise, quando a moeda local tende a se desvalorizar ainda mais. A diversificação global não apenas permite maior resiliência às crises locais, mas também oferece acesso a mercados onde o potencial de crescimento é frequentemente mais robusto.

Neste e-book, apresentamos a fundo a importância da diversificação global, apresentando dados e informações relevantes sobre o tema. Vamos embarcar juntos nesta jornada para descobrir como a diversificação pode ser a chave para um portfólio de investimentos verdadeiramente robusto e eficaz.

Desempenho Real em Dólares

Desde o lançamento do Plano Real, em julho de 1994, até o último índice divulgado, a inflação acumulada pelo IPCA foi de 716%.

Isso significa que uma pessoa que com 1 milhão em 1994, precisaria ter hoje mais de 8 milhões de reais para manter o mesmo poder de compra.

A desvalorização do poder de compra ao longo desses 30 anos é um alerta para quem deseja preservar seu patrimônio.

Além disso, a inflação oficial não reflete necessariamente o percentual de aumento de despesas individuais. Por exemplo, enquanto o IPCA pode ter subido 5% em um ano, é comum que as despesas pessoais tenham subido muito mais, dependendo do padrão de consumo.

Cada pessoa tem sua própria cesta de produtos e serviços, o que pode tornar o impacto da inflação ainda mais significativo.

RESULTADO DA CORREÇÃO PELO IPCA (IBGE)

Dados básicos da correção pelo IPCA (IBGE)	
Dados informados	
Data inicial	07/1994
Data final	09/2024
Valor nominal	R\$1,00 (REAL)
Dados calculados	
Índice de correção no período	8,16207440
Valor percentual correspondente	716,207440%
Valor corrigido na data final	R\$ 8,16 (REAL)

O CDI é visto como um benchmark essencial no Brasil, mas sua performance em dólares nos últimos 5, 10 e 15 anos revela uma realidade preocupante.

Ajustado para o dólar, o CDI rendeu apenas 0,48% ao ano nos últimos 5 anos, 0,37% ao ano nos últimos 10 anos e 0,83% ao ano nos últimos 15 anos, acumulando 13% em 15 anos.

Para se ter uma ideia, esses retornos seriam insuficientes para manter o poder de compra em termos de cenário global, principalmente, considerando que a inflação americana (CPI) acumulou 49% no mesmo período. Portanto, é uma necessidade diversificar além do CDI, repensando as estratégias de investimento para preservar e aumentar o poder de compra real.

CDI

(em dólares)



A Realidade do CDI e o Desafio da “Ilusão Monetária”

O CDI, frequentemente visto como um “porto seguro”, tem mostrado resultados não tão relevantes quando analisado em dólares.

Nos últimos 5, 10 e 15 anos, o CDI falhou em acompanhar a inflação americana, evidenciando uma perda significativa de poder de compra para o investidor brasileiro.

Mesmo rendendo 130% do CDI, o retorno absoluto após impostos é baixo, principalmente quando comparado ao mercado global.

Muitos investidores ainda caem na armadilha da ilusão monetária, acreditando que superaram benchmarks locais, sem considerar a inflação e o câmbio.

Uma análise objetiva, que inclua a inflação e uma visão global, é essencial para garantir que o retorno ajustado ao risco seja realmente benéfico no longo prazo para o investidor.

A Performance do IMAB e Outras Alternativas

O índice IMAB, que reflete a performance dos títulos do Tesouro IPCA, também mostra resultados insatisfatórios em dólares. Isso mesmo.

Nos últimos 5 anos, o IMAB teve uma perda anual de 2,5%, totalizando -12% no período. Em 10 anos, rendeu apenas 1,83% ao ano, e em 15 anos, 2,61% ao ano, acumulando 47%.

Embora o IMAB tenha superado o CDI, ainda perdeu para a inflação americana, evidenciando as limitações dos investimentos locais para proteger o poder de compra global.

IMAB

(em dólares)



O Ibovespa e o IFIX: Limitações e Riscos

Embora o **Ibovespa** e o **IFIX** sejam amplamente utilizados como alternativas de investimento no Brasil, seus desempenhos em dólares revelam resultados preocupantes.

O Ibovespa teve uma queda anual de 4,22% nos últimos 5 anos, totalizando uma perda de quase 20%. Em 10 anos, o retorno foi praticamente nulo, e em 15 anos, apresentou uma perda de 3,42% ao ano, acumulando uma queda de 40%.

IBOVESPA

(em dólares)



O **IFIX**, índice de fundos imobiliários, também teve um desempenho negativo, com queda anual de -4.64% nos últimos 5 anos e acumulando uma perda de 9.08% desde sua criação em 2011.

Esses dados evidenciam as limitações desses investimentos locais para preservação do valor em moeda forte.

IFIX

(em dólares)



Inflação e Perda de Poder de Compra

Para preservar o poder de compra em termos globais é essencial avaliar os retornos dos investimentos brasileiros frente à inflação americana (CPI), que acumulou 49%, nos últimos 15 anos.

Embora investimentos como o IMAB tenham oferecido algum rendimento, eles ainda não conseguiram manter o poder de compra real.

Comparar apenas os retornos em reais, sem considerar o contexto global, pode levar a conclusões enganosas. Um erro comum, por exemplo, é comparar o rendimento do Ibovespa, em reais, com o S&P 500, em dólares, ignorando a diferença cambial e o impacto da inflação, ressaltando a importância de uma análise financeira em moeda forte para investimentos.

CPI

(em dólares)



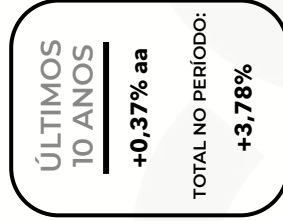
S&P500

(em dólares)



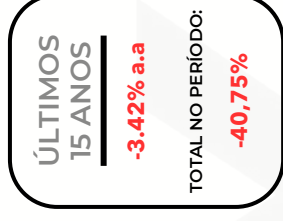
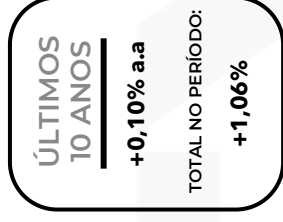
(em dólares)

CDI

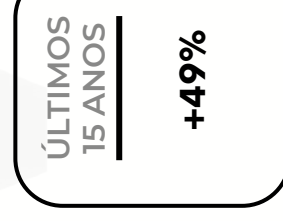


IMAB

IBOVESPA

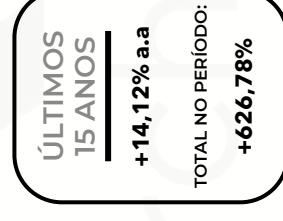


IFIX



CPI

S&P500



Riscos dos Fundos Imobiliários

Investir em fundos imobiliários para obter renda passiva é uma prática comum, mas muitos investidores não consideram o impacto da inflação ao longo do tempo. Propagados como um investimento conservador e adequado até para aposentadoria, **os FIs brasileiros estão longe de terem perfil de risco conservador pelos parâmetros internacionais.**

Receber dividendos sem reinvestir, compromete o valor original do investimento, que perde poder de compra em 10 a 15 anos, deteriorando o patrimônio. **Embora essa estratégia ofereça uma renda, ela tende a prejudicar a sustentabilidade do patrimônio no longo prazo.**



O Custo da Diversificação Local e o Poder de Compra em Dólar

Um investidor que segue recomendações tradicionais — dividindo seu capital entre CDI, IMAB, ações brasileiras e fundos imobiliários — pode após 5, 10 ou 15 anos, encontrar resultados frustrantes.

Localmente, ele vê seu poder de compra estagnado devido à falta de avanço da Bolsa, perda de valor dos fundos imobiliários e inflação corroendo os ganhos de renda fixa.

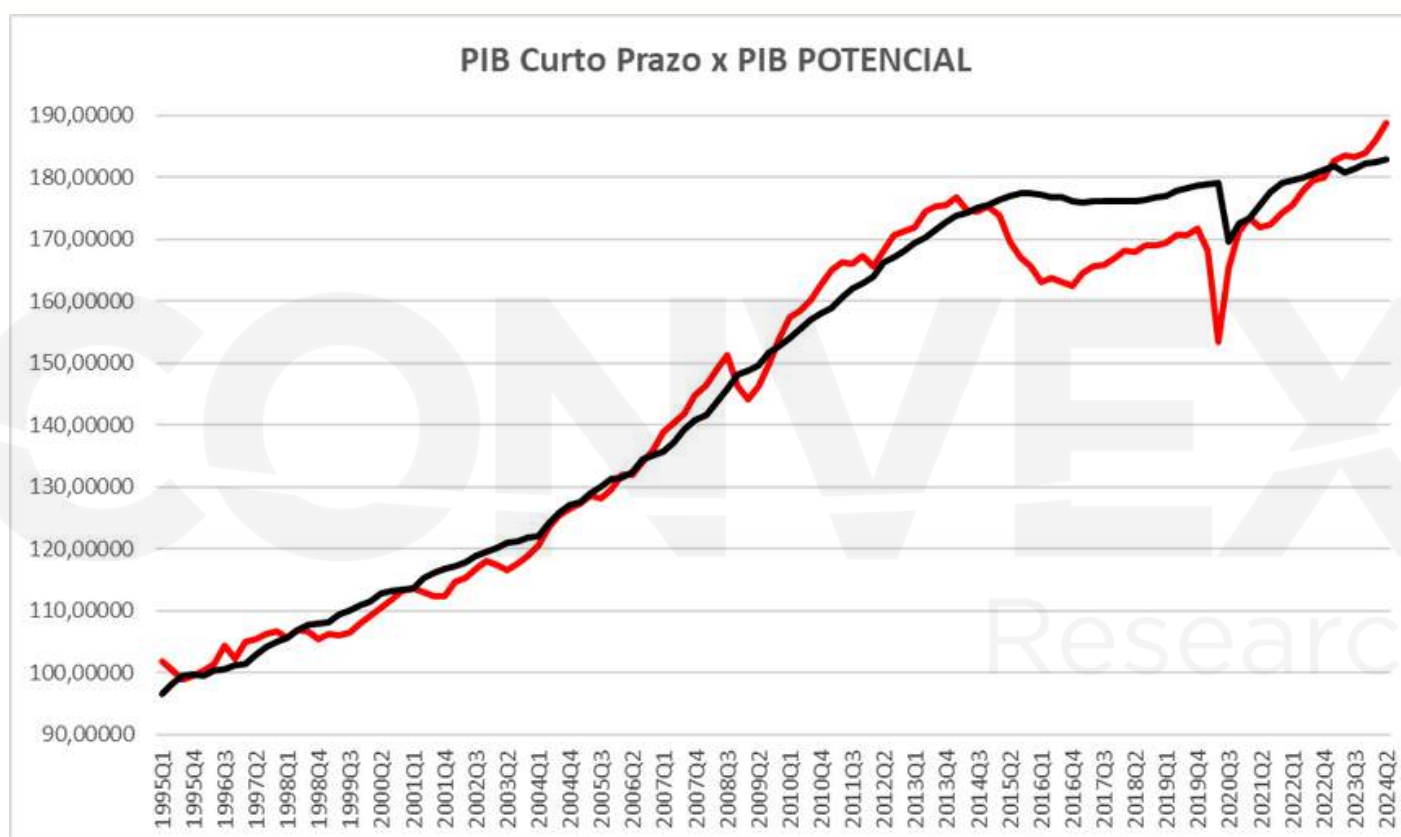
Quando considera o custo de vida global, percebe que suas economias em reais não acompanham a valorização do dólar, tornando mais caro consumir produtos e serviços internacionais. Esse cenário de repressão financeira não apenas desanima o investidor atual, mas também desencoraja as futuras gerações a diversificar ou investir, criando uma percepção negativa do mercado financeiro.

O Dilema do Crescimento Econômico no Brasil

O cenário econômico brasileiro é marcado por um paradoxo: embora o país tenha baixo desemprego e crescimento do PIB, enfrenta uma crise iminente e pressão inflacionária.

Esse desequilíbrio é visível na disparidade entre o PIB de curto prazo, impulsionado pelo consumo e gastos do governo, e o PIB potencial, que representa a capacidade produtiva sustentável do país.

Atualmente, o PIB de curto prazo está muito acima do potencial, criando um aquecimento econômico insustentável, conhecido como “*voo de galinha*”, que leva a inflação e crises recorrentes.



Para evitar um cenário semelhante ao das décadas de 1980 e 1990, com inflação descontrolada, o Brasil precisa focar no aumento do PIB potencial.

Isso requer elevação da produtividade e controle dos estímulos de curto prazo, garantindo que os salários cresçam junto com a produtividade para manter a sustentabilidade econômica e margens de lucro saudáveis para as empresas.

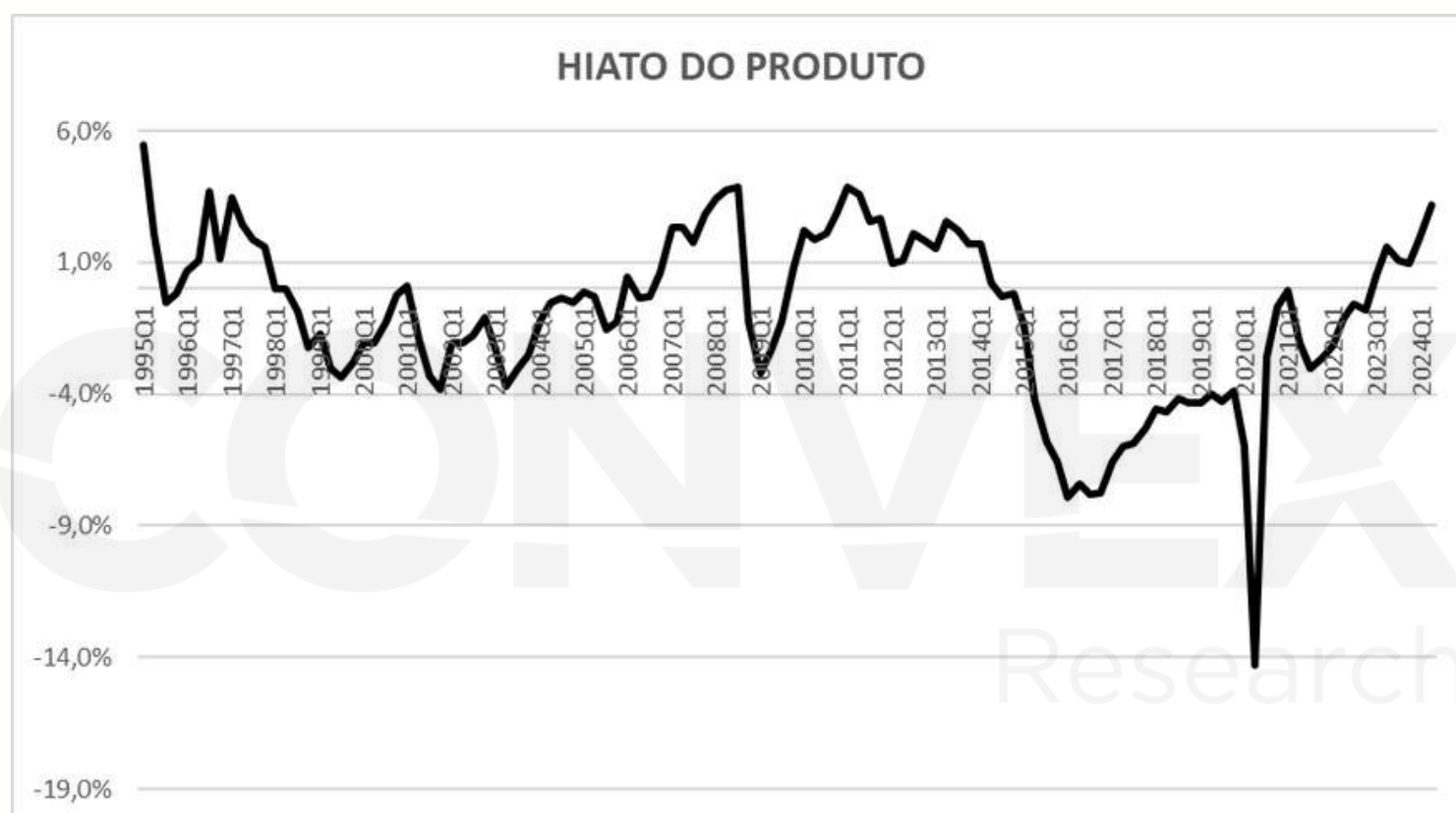
CONVEX
Research

O hiato do produto é um conceito econômico que mede a diferença entre o PIB potencial e o PIB efetivo de curto prazo de um país.

O hiato do produto é um conceito econômico que mede a diferença entre o PIB potencial e o PIB efetivo de curto prazo de um país.

No Brasil, o **PIB potencial** representa a capacidade máxima da economia de crescer sem gerar distorções inflacionárias, ou seja, é o nível de produção sustentável dado o uso eficiente dos recursos disponíveis (como trabalho, tecnologia e capital).

Já o **PIB de curto prazo** reflete a produção atual, impulsionada por fatores como o consumo das famílias e os gastos do governo.



Quando o PIB de curto prazo está acima do PIB potencial, como ocorre atualmente no Brasil, a economia está em um nível de aquecimento insustentável.

Esse fenômeno, muitas vezes chamado de "**voo de galinha,**" resulta em um crescimento temporário que, em vez de se manter a longo prazo, gera pressões inflacionárias e aumenta o risco de crise. Esse aquecimento excessivo indica que a economia está operando além de sua capacidade sustentável, o que causa inflação e pode levar à desvalorização da moeda se não for controlado.

Para que o Brasil alcance um crescimento sustentável, é necessário focar em aumentar o PIB potencial, o que requer ganhos de produtividade e uma redução dos estímulos de curto prazo.

O Erro de Focar na Taxa de Câmbio

Muitos investidores deixam de investir da forma correta, iludidos pela narrativa da especulação no dólar, propagada por players do mercado nacional, que promovem a ideia de que seria necessário acertar o “timing” da taxa de câmbio para investir no exterior, mas essa preocupação é um mito.

O câmbio reflete a comparação entre economias ao longo do tempo, e o real tende a se desvalorizar em relação ao dólar enquanto o Brasil não supera o crescimento dos EUA.

Na Convex, orientamos a aproveitar as quedas do dólar para remessas, mas com uma visão de médio prazo e foco no acúmulo de bons ativos, com fundamentos para valorização.

Assim, a taxa de câmbio deve ser encarada como parte de uma estratégia de longo prazo, e não como um alvo de curto prazo. O importante é estar exposto a bons ativos em moeda forte.

A Evolução do Regime Cambial e Suas Implicações para o Investidor Brasileiro

A transição do regime de câmbio controlado para o câmbio flutuante em 1999 marcou um ponto crítico para a economia brasileira, introduzindo o “tripé macroeconômico” composto por metas fiscais, metas de inflação e câmbio flutuante, o que trouxe previsibilidade ao mercado.

Entretanto, desde 2014, o Brasil enfrenta descontrole fiscal e flexibilização das metas de inflação, exacerbado pela pandemia.

A recente adoção de uma meta de inflação contínua gera incertezas, e discussões sobre possíveis intervenções no câmbio flutuante levantam preocupações sobre a efetividade da política econômica e os riscos para investidores no Brasil.

O Problema da Distorção do Crédito Privado no Brasil

Muitos investidores brasileiros, sem um direcionamento adequado, acabam com carteiras compostas por vários títulos de renda fixa e de crédito privado, mas com taxas de juros reais baixíssimas, como IPCA +3%.

Há uma distorção significativa no crédito privado brasileiro, o que resulta em um rendimento insuficiente para cobrir a inflação e aumentar o poder de compra.

A realidade é que, sem uma exposição global e uma alocação diversificada, a maioria dos ativos locais tem sofrido para manter um retorno competitivo, especialmente em comparação com o mercado global.

A Estratégia dos Melhores Hedge Funds Decifrada

Desde o início da nossa comunicação com o mercado, sempre batemos na tecla da importância da preservação do patrimônio. Ao longo dos anos, milhares de pessoas que ingressaram na nossa comunidade tiveram a oportunidade de abrir os olhos para as oportunidades dos mercados globais.

A abordagem da Convex para os mercados representou uma mudança de paradigma para o investidor pessoa física brasileiro e tirou da zona de conforto aqueles que se mantinham olhando apenas para o Brasil.

Enquanto tentavam nos rotular de pessimistas por apontarmos os riscos da exposição concentrada no Brasil, nós nos dedicamos a explorar os grandes ciclos nos mercados globais, em ativos com potencial de trazer retornos maiores aos investidores.

Uma boa parte do mercado se contenta em superar a inflação.

Mas nós não desejamos isso para aqueles que investem com nossas recomendações. Algo que está na base de nossa filosofia é almejar sempre os melhores retornos, mas sem jamais ignorar os riscos.

De 2018 até 21 de outubro de 2024, a performance acumulada da carteira recomendada consolidada da Convex está em + 461,75% em reais, +29,13% (CAGR).

No mesmo período, o CDI performou +66%.

A inflação acumulada ficou em +42,32%.

Um dos pontos que diferencia os grandes fundos de investimento globais — como os de George Soros, Ken Griffin, Bill Ackman, Stephen Cohen, entre outros — é a flexibilidade e diversificação em todas as classes de ativos e mercados mundiais.

Na Convex, ao longo dos últimos anos, nossa estratégia conseguiu acompanhar e até superar alguns desses grandes fundos em termos de performance, tudo sem o uso de derivativos complexos.

Combinando análise cuidadosa macroeconômica do mercado global, com uso de análises quants e de convexidade, estruturamos um portfólio levando em conta risco e retorno, e estamos permitindo que investidores pessoa física alcancem retornos de maneira mais equilibrada e com menos estresse.

Almejar equiparar os investidores brasileiros aos melhores é nossa missão.

HEDGE FUNDS LENDÁRIOS

1. Quantum Fund George Soros

Fundado: 1973 por **George Soros** e **Jim Rogers**.

Estratégia: Global Macro

Track Record Real: Ajustado pela inflação, o retorno real seria em torno de **24,9% ao ano**.



2. Tiger Management Julian Robertson

Fundado: 1980

Estratégia: Long/Short Equity

Track Record Real: Considerando a inflação, o retorno real ajustado seria de aproximadamente **14,9%**



3. Caxton Associates

Bruce Kovner

Fundado: 1983

Estratégia: Global Macro – Focado em moedas, juros e commodities, Kovner apostava em grandes movimentos macroeconômicos globais.

Track Record Real: Ajustado pela inflação, o retorno real seria em torno de 15,9% ao ano.



4. Bridgewater Associates

Ray Dalio

Fundado: 1975

Estratégia: Global Macro e Risk Parity – Ray Dalio implementou uma estratégia de diversificação baseada em ciclos econômicos globais. O fundo se destaca pela gestão de risco através do modelo "**All Weather**", que busca equilibrar uma carteira em diferentes condições de mercado.

Track Record Real: o retorno real é estimado em torno de 9% a 10% ao ano.



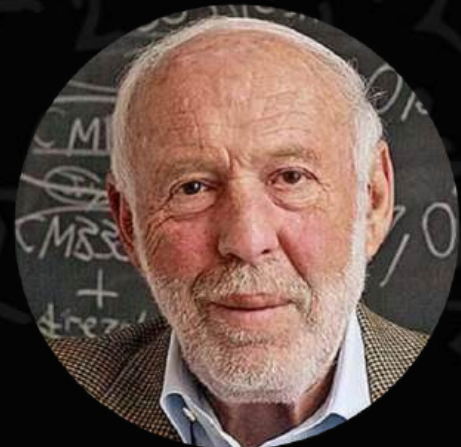
5. Renaissance Technologies – Medallion Fund - Jim Simons

Fundado: 1982

**Estratégia: Quantitative Strategies
(Arbitragem Estatística) –**

O Medallion Fund, operado pela Renaissance Technologies, utiliza modelos matemáticos avançados para explorar pequenas ineficiências de mercado.

Track Record Real: o retorno real seria em torno de **36%-37% ao ano.**



6. Pershing Square Capital Management - Bill Ackman

Fundado: 2004

Estratégia: Long/Short e Ativismo.

Track Record real: **13% ao ano.**



7. Citadel - Ken Griffin

Fundado: 1990

Estratégia: Multiestratégia – O fundo de Griffin utiliza uma abordagem diversificada, investindo em ações, renda fixa, commodities, entre outros mercados. A Citadel também se destaca pela sua infraestrutura tecnológica de ponta.



Track Record Real: o retorno real seria de **16% a 17% ao ano**.

8. Point 72 - Steven Cohen

Fundado: 2014

Point72, o hedge fund criado por **Steven Cohen** após o fechamento da **SAC Capital Advisors**, segue uma estratégia **multiestratégia**, combinando diferentes táticas para gerar retornos ajustados ao risco.



Track Record Real (ajustado pela inflação):

No período pós-2014, os retornos ajustados pela inflação são de cerca de **10% ao ano**.

Nossa missão é transformar o investidor brasileiro, fornecendo-lhe as ferramentas para navegar tanto no mercado nacional, quanto no internacional.

Para aqueles que acompanham nossos conteúdos, queremos oferecer uma educação financeira sólida e acessível, com o objetivo de transformar vidas e criar histórias de sucesso no mercado financeiro.

Para se equiparar aos melhores do mundo, é preciso estar disposto a se sentir desconfortável em alguns momentos. Mudar de patamar exige coragem.

Isso porque investir como os mais bem sucedidos colocará em uma posição contrária a da maioria em determinados períodos.

Essa é uma oportunidade para expandir seus horizontes e se equiparar aos maiores do mercado. Nossos assinantes, que aplicaram as estratégias recomendadas, tiveram a oportunidade de ver a trajetória dos seus investimentos mudar completamente.

Faça parte da comunidade de investimentos globais mais bem preparada do país, realize a sua assinatura anual Convex!



Assinaturas Convex

Acompanhe as Redes Sociais da Convex



www.instagram.com/convexresearch



x.com/convexresearch



<https://www.youtube.com/convexresearch>



www.linkedin.com/ConvexResearch



t.me/convexresearch



[Newsletter Convex Gênesis Politics](#)